

10º. Domingo depois de Pentecostes Próprio 15

1ª leitura (Antigo Testamento) - Provérbios 9.1-6

O livro de Provérbios contém uma grande coleção de ditados de sabedoria compilados durante aproximadamente cinco séculos. A coleção contém ditos populares elaborados a partir da observação de pessoas simples do povo. Outros foram incluídos por pessoas que se dedicavam a estudar a sabedoria (cf. Ecl 12:9) e outros trazidos por reis e sacerdotes de Jerusalém (cf. 1 Rs 4:32). O texto deste Domingo coloca a sabedoria morando numa casa de sete colunas na qual são feitos sacrifícios de animais (9:1).

A primeira descrição coloca a sabedoria num palácio. No entanto não devemos esquecer que a sabedoria, em hebraico "*hokmah*" é feminina e é servida por suas criadas (9:3). Tudo parece indicar que a sabedoria é aqui apresentada como uma rainha que oferece um banquete. No livro tardio de Ester vemos como uma rainha usava os banquetes reais como forma de exercer o seu poder sobre o rei e demais funcionários do Estado (Est 4:12-14). Os convidados ao banquete da sabedoria são os simples de coração (*hasar-lev*). A expressão "*simples de coração*" só acontece no livro de Provérbios e é contraditória ou paradoxal. Em Pv 10:13 e 11:12 Almeida traduz "*hasar-lev*" como "*prudente*". No entanto, em outros ditos a mesma expressão é traduzida como "*fora de si*" (6:32); "*falto de senso*" (12,11 e 17:18) e "*preguiçoso*" (24:30).

Tudo indica que por um lado um povo que tinha nascido sob a marca da opressão e da escravidão (Êx 20:2) queria impedir que o poder tornasse os governantes insensíveis e orgulhosos a ponto de perder a simplicidade de coração. Por outro lado, alguns dentre o povo, possivelmente alguns dentre os governantes, vissem as pessoas "*simples de coração*" como "*loucas*", "*vagabundas*" ou "*ignorantes*". O texto deste Domingo opta claramente pela simplicidade como virtude.

Do lado oposto aos "*simples de coração*" estão os que Almeida traduz, neste texto, como "*insensatos*" (em hebraico "*fetaim*"). O mesmo termo é traduzido em 8:5, 14:18 e 27:12 como "*simples*". De novo vemos uma certa contradição entre a valorização e desvalorização da simplicidade. No entanto à insensatez falta o "*coração*" (*lev*, em hebraico). Esta deve ser a diferença entre a boa simplicidade, aquela que é sincera e sensível de coração (como diz a oração de Pós Comunhão - "*singeleza de coração*" - LOC p.79, 85 e 91). Existem, no entanto a ignorância e a insensatez que dispensam a sensibilidade e a ternura e que discrimina o diferente e causa mal à própria pessoa por ter raízes no egoísmo e no ódio (Ef 5:15-17). (HMG)

2ª leitura (Epístola) - Efésios 5.15-20

O texto é continuação da exortação iniciada anteriormente. A exortação é animação, encorajamento no sentido de que aqueles que foram revestidos de Cristo no Batismo assumam essa posição, demonstrando-a na imitação de Deus em amor (5.1ss), comportando-se como filhos e filhas da luz, (bondade,

justiça e verdade, 5.9) e crescer na sabedoria de Deus, isto é, "andar como sábios" (vs.15). Isso é imitar a Deus (5.1-2), que é profundamente sábio, por isso é paciente e sabe amar intensamente sem ser impaciente e ama suas criaturas tendo como propósito a comunhão, a permanência em nós e nós Nele.

Nessa perspectiva, a vida não deve ser gasta com uma visão tola. O tempo deve ser resgatado das futilidades, (5.16) e utilizado ao máximo sob a perspectiva da sabedoria. Isto se difere da "lei de Gerson", (parece que o termo está em desuso) isto é, "driblar" todos e tudo para o proveito próprio ou ainda tirar vantagem de tudo.

Com o surgimento de novos tipos de trabalho e profissão, a intensificação da competitividade no mercado e a escassez da oferta de trabalho, a questão da futilidade do tempo começa ter nova configuração. E as pessoas têm de se mergulhar intensamente nas funções disponíveis. Então, pouco tempo fica disponível para meditação e isso é deixado para quem essa é a sua "profissão". Não se pode entregar a parte que cabe a cada um e a todos a um grupo de "especialistas" em discernimento da vontade de Deus. Tudo isso requer "criação" de tempo e oportunidade para reflexão, em grupo ou em comunidade.

Também, é preciso entender que a exortação é dirigida à Igreja, a "casa" ou à moradia ou habitação, que é a Igreja em Éfeso. Trata-se de organização da vida e do seu tempo como a Igreja. Ao invés de ter a animação desordenada do vinho (ficar cheio de vinho), tenham eles a animação do Espírito Santo (cheios do Espírito Santo), que se expressa em louvor, júbilo e ação de graças a Deus por meio dos Salmos e outros cânticos, em nome de Jesus. Esses elementos dizem respeito à relação dialogal de confiança com Deus. Em nome de Jesus, os cristãos e a Igreja têm a liberdade de se dirigir a Deus, em vista da derrubada do muro na morte de Cristo e a conseqüente paz. Os cânticos de alegria, de louvor e ação de graças têm a ver com a criatividade do poema de Deus que somos. Então, a aparente severidade das exortações passa a ser aquele jugo leve de Jesus, sendo Ele em nós Nele uma comunhão de serviço, e de testemunho. (ST)

Santo Evangelho - João 6.53-59

Há muitos anos, quando estava em um retiro de carnaval, eu assisti ao nascimento de um bezerro. Vi como aquele pequeno animal, imediatamente depois de nascer, lutava para se colocar de pé ao lado da mãe. Qual a razão? Porque tanto esforço? A primeira coisa que fez quando se pôs de pé pela primeira vez? Procurar o peito de sua mãe. Ocorre o mesmo com todos os mamíferos. Nossa avidez pelo alimento é compreensível, vez que sem eles morreríamos em pouco tempo. A mesma coisa acontece em nossa vida espiritual. Precisamos buscar o "leite espiritual" para ir crescendo até a estatura de "varão perfeito".

Nesse texto Jesus se apresenta como o Pão vivo que desceu dos céus. Ele é o Pão da vida. Mas quais os benefícios desta comida espiritual? Neste texto compreendemos que há pelo menos três grandes graças em ser alimentado com o pão do céu.

Em primeiro lugar, *Seremos unidos a Cristo* (v. 56). Paulo já ensinava que quem se une ao Senhor é um em espírito com ele (I Co 6:17). E o meio pelo qual esta união espiritual se processa é a fé. É ela que faz surgir esta íntima comunhão com Cristo: Ele está em nós e nós nele. Esta união é tão forte que Ele participa de nossas penas (At 9:5) e nós de sua glória. Quando nos rendemos a Cristo (via existencial) e quando nos alimentamos dele (via sacramental) estamos promovendo este tipo de união que nos alimenta e fortalece. Como diz o texto estamos nele e ele em nós.

Em segundo lugar, ao sermos alimentados com o pão do céu, *temos vida* (v. 57). Os que crêem em Cristo recebem uma vida divina em si mesmo, em virtude de sua união com o Senhor. Assim como Cristo vivia do Pai (5:26) e tinha como alimento fazer a vontade do Pai (4:34), assim também para os cristãos o *viver é Cristo* (Fp 1:21) e Cristo vive neles (Gl 2:20). Porque Ele vive, também vivemos (14:19). E a vida que ele nos dá é uma vida eterna que vence inclusive a morte. É vida marcada pelo signo da ressurreição. As palavras de Cristo precisam estar sempre diante de nós: "quem de mim se alimenta, de mim viverá" (v. 57)

Finalmente, quando comemos o pão do céu *temos saciedade* (v. 53). A experiência da morte é uma das experiências mais fortes que alguém pode sentir. É a experiência limite. Sem Cristo sentimos que nos falta a vida (v. 53) e impera a morte. É preciso, portanto, reconhecer nossa fome e nossa sede de Deus para que nos animemos a comer e a beber. Uma vez alimentados sentimos aquela sensação que só sente os que estão plenos de Deus. Saciedade. Plenitude existencial. Por esta experiência passaram todos os santos da história. Por esta experiência passou Paulo que disse "Cristo vive em mim". Por esta experiência todos somos convidados a passar. Uma experiência de união mística com Cristo nos dará aquela sensação de plenitude. De nada tem falta quem tem a Cristo. Por isso o salmista dizia: O Senhor é o meu pastor, de nada sinto falta" (JLFA)